

SUMÁRIO

Prefácio à edição de 2010	9
Agradecimentos.....	15
Reduções gráficas (abreviações e siglas)	17
Introdução	27
O argumento deste livro	27
Os limites deste livro	29
Pneumatologia funcional e este livro	31
1. O Espírito de pureza e de profecia no judaísmo antigo	33
O Espírito na literatura não judaica	34
O Espírito de purificação no judaísmo antigo	38
O Espírito de conhecimento e de profecia no judaísmo antigo, com exceção da literatura rabínica	42
O Espírito de profecia na literatura rabínica	45
Partida do Espírito e cessação da profecia em fontes não rabínicas ...	48
Partida do Espírito e cessação da profecia em fontes rabínicas.....	51
A continuidade da profecia.....	54
Receptores do Espírito e/ou de profecia	59
A natureza da profecia nos rabinos.....	62
A natureza da profecia na literatura judaica não rabínica	69
Conclusão.....	77
2. Jesus como aquele que traz o Espírito em Marcos 1.9-11	81
A introdução de Marcos e o batismo.....	83
Os acontecimentos de Marcos 1.9-11	90
Aquele que traz o reino	106
Conclusão.....	126

3. A perspectiva de Mateus sobre aquele que traz o Espírito.....	129
As advertências de juízo de João (3.1-12).....	130
O batismo do Filho de Deus	140
O Espírito leva Jesus para ser tentado	143
O Servo humilde ungido pelo Espírito	152
O Espírito de Deus <i>versus</i> Belzebu.....	154
Mais trabalhadores para a colheita	164
Os representantes de Jesus.....	166
Conclusão.....	178
4. O Espírito e a purificação no Quarto Evangelho	179
Conceitos referentes à água em João	181
Jesus e as purificações de João Batista.....	184
Purificação ritual	187
Batismo de prosélitos no Espírito.....	197
Água sagrada samaritana: o poço de Jacó	215
Água de um conhecido lugar de cura.....	224
Águas do templo escatológico	228
Poder conferido à água ritual.....	236
Lavagem e morte.....	239
Conclusão.....	240
5. Pentecostes, profecia e proclamação a todos os povos.....	243
A promessa de Pentecostes.....	244
As provas de Pentecostes	250
Os povos de Pentecostes.....	254
A profecia de Pentecostes.....	256
A proclamação de Pentecostes.....	259
O poder de Pentecostes	263
O propósito de Pentecostes	268
Palavras finais	269
Apêndice: A estrutura literária do sermão de Pedro	273
Bibliografia selecionada de fontes citadas	275
Índice de fontes antigas	301
Índice de passagens bíblicas.....	318
Índice de autores modernos.....	327

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2010

Sou grato à editora Hendrickson pela reedição de *O Espírito nos Evangelhos e em Atos*. Como apenas o prefácio desta edição é novo, é importante observar que especialistas publicaram muito material desde a circulação original deste livro. Ao mesmo tempo, é importante reiterar que o propósito desta obra nunca foi fazer um levantamento de toda a pesquisa acadêmica acerca da pneumatologia cristã, mesmo nos Evangelhos e em Atos. Trata-se, antes, de uma breve compilação de estudos introdutórios que tratam do Espírito como ele aparece em algumas passagens dos Evangelhos e de Atos. Apesar do escopo limitado deste livro, acredito que a maior parte dos leitores encontrará valor prático nas conclusões exegéticas que ele apresenta.

Trabalho subsequente

Desde a primeira publicação deste livro em 1997, outras obras sérias foram escritas acerca do Espírito. Descobri também que alguns estudos sobre o tema foram publicados antes mesmo de 1997. Entre os autores que nos últimos anos escreveram extensamente acerca da pneumatologia cristã primitiva em seu contexto estão Robert Menzies, Max Turner e John Levison. Muitos autores de outros países também ofereceram uma contribuição útil às discussões, como Cornelis Bennema, Youngmo Cho, Mamy Raharimanantsoa, Finny Philip, James Shelton, Keith Warrington e Matthias Wenk. Ainda outros, como o teólogo Amos Yong, estão abordando esse assunto a partir de perspectivas mais amplas. De qualquer forma, nunca foi minha intenção resumir todas as discussões

acerca da pneumatologia cristã primitiva (menos ainda tomar partido nos vários debates, como naquele entre Menzies e Turner sobre o qual eu não tinha conhecimento na época); acima de tudo, desejava que este trabalho fosse conciso.

Desde o começo, minha intenção era que o livro fosse uma compilação de ensaios a respeito de algumas passagens significativas sobre o Espírito nos Evangelhos e em Atos. Naturalmente, eu poderia ter feito um trabalho muito mais completo. Deixei de lado, por exemplo, todo meu estudo sobre o Paráclito em João e muito de minha pesquisa sobre a pneumatologia do Evangelho de Lucas. Mas, mesmo que o leitor use apenas meu trabalho como referência, se tiver interesse, pode facilmente obter mais informações sobre a pneumatologia de João e de Lucas examinando passagens pertinentes em meus comentários sobre João¹ e Atos.² Também escrevi vários artigos relacionados, até mesmo uma pesquisa sobre os primeiros usos bíblicos — indiscutivelmente o pano de fundo mais evidente para as tradições tanto de judeus quanto de cristãos primitivos.³ Mas nunca tive a intenção de que este livro fosse mais do que uma amostra concisa (e de preço acessível) a respeito de algumas passagens relevantes, ilustrando o que acredito serem dois temas óbvios na pneumatologia judaica primitiva e que também estão presentes na narrativa cristã primitiva.

Como o editor deu ao livro um título bastante abrangente, *O Espírito nos Evangelhos e em Atos*, tentei acomodar o título em minha introdução ao mesmo tempo que procurei explicar que trato apenas de algumas passagens. Alguns especialistas criticaram o título do livro por prometer algo maior do que seu breve conteúdo pode oferecer. Essa observação é justa, mas eu esperaria que esses críticos literários (muitos deles também autores) se

¹*The Gospel of John: a commentary* (Peabody: Hendrickson, 2003), 2 vols.

²*Commentary on Acts* (Peabody: Hendrickson, s.d.), 3 vols.

³Para esse ponto veja “Spirit, Holy Spirit, Advocate, Breath, Wind” e outros artigos de minha autoria in: Donald E. Gowan, org., *Westminster theological wordbook of the Bible* (Louisville: Westminster/John Knox Press, 2003), p. 484-96; um ensaio em Gerald R. McDermott, org., *The Oxford Handbook of evangelical theology*; e num nível mais acadêmico, “Fleshly’ versus Spirit perspectives in Romans 8:5-8”, in: Stanley Porter, org., *Paul: Jew, Greek and Roman*, PAST 5 (Leiden: Brill, 2008), p. 211-29. Pesquisei alguns aspectos da pneumatologia do NT num nível mais popular e voltado à prática em *Gift and Giver: the Holy Spirit for today* (Grand Rapids: Baker, 2001) [edição em português: *O Espírito na igreja: o que a Bíblia ensina sobre os dons* (São Paulo: Vida Nova, 2018)].

lembrassem de que o autor geralmente pode opinar pouco acerca do título de seu livro. Minha sugestão de título era algo como: *Purification and power: studies on the Spirit in the Gospels and Acts* [Purificação e poder: estudos sobre o Espírito nos Evangelhos e em Atos], mais modesto, mas admito que provavelmente não tão atrativo.

Desde que escrevi este livro, aprendi mais sobre os tratamentos judeus e não judeus do *pneuma*, alguns dos quais foram incorporados em partes relevantes do *Commentary on Acts* [Comentário de Atos], mas acredito que os exemplos das posições judaicas primitivas com respeito ao Espírito de Deus oferecidos neste livro permanecem representativos. Nesta obra, decidi não começar com a análise de outras pesquisas sobre fontes antigas, mas, sim, lendo as fontes primárias em seus contextos integrais, descobrindo, assim, referências ao Espírito de Deus ao longo do caminho. Acredito que essa abordagem nos protege contra o risco de inadvertidamente acrescentar preconceitos antigos às fontes (o leitor tem seus próprios preconceitos; não precisamos aumentá-los).

Informação de classificação

A classificação de fontes antigas é um tema à parte, e a subjetividade aqui pode apresentar um sério perigo. Tentei coletar meu material antes de decidir a melhor forma de organizá-lo e categorizá-lo. Ao fazê-lo, busquei padrões nas informações que havia coletado. No entanto, embora eu tenha ressaltado duas ênfases significativas sobre o Espírito no judaísmo primitivo, reconheço que esse material certamente pode ser dividido de outras formas.

Em particular, os muitos tipos de textos que classifiquei em “Espírito de profecia” poderiam ser mais subdivididos, com o maior domínio de algumas expressões em alguns setores da literatura judaica primitiva e de outras em outros setores. Muitas dessas ênfases, como a revelação especial dos mistérios de Deus, a inspiração para falar por Deus e, algumas vezes, o poder para realizar obras milagrosas associadas aos profetas bíblicos ou inspiração para a adoração também aparecem nas fontes cristãs primitivas.

Embora as fronteiras entre essas categorias sejam mais fluidas do que aquela entre o Espírito profético e o Espírito purificador, é possível defender a ideia de tratá-las como categorias separadas (como alguns

estudiosos fazem). Nesses casos, o problema não é a quantidade de informações, mas simplesmente como organizá-las. Não faço objeção quanto à organização diferente dos dados.

A associação do Espírito com a purificação, no entanto, é mais bem pronunciada e parece menos difundida no judaísmo primitivo, presente especialmente nos tipos de círculos que produziram os pergaminhos de Qumran e *Jubileus*. Essas ênfases também aparecem no cristianismo primitivo, embora mais em alguns escritores do que em outros. Lucas, por exemplo, normalmente ressalta a dimensão mais associada com a inspiração profética ou com o poder (incluindo milagres e inspiração para adoração). João inclui tanto a dimensão profética (especialmente no material sobre o Paráclito) quanto uma ênfase na purificação espiritual (principalmente dominante nos capítulos anteriores à explicação do Paráclito). Em comparação com os outros Evangelistas, Marcos parece ser o que menos destaca a ação do Espírito em geral, mas o posicionamento de metade de suas menções ao Espírito logo em sua introdução indica a importância da pneumatologia também nesse Evangelho.

Obviamente, outras dimensões da atividade do Espírito divino aparecem em fontes antigas; alguns desses aspectos se apresentam de forma bem distinta na pneumatologia cristã primitiva. Ou seja, o cristianismo primitivo em alguns aspectos desenvolveu suas próprias trajetórias, além das duas analisadas aqui (e que desenvolveram alegações bíblicas ainda anteriores). Embora se relacionem com a dimensão moral do Espírito encontrada nos manuscritos de Qumran (e que inclui no tema da purificação), os textos sobre Cristo vivendo no cristão e através deste por meio do Espírito são certamente cristãos. Mesmo quando expressa de forma mais geral sobre a habitação do Espírito no crente, a pneumatologia cristã primitiva sugere uma experiência regular do Espírito que superou as expectativas convencionais. Embora seja possível encontrar alguns paralelos verbais (especialmente na piedade de Qumran) estou convencido de que a *predominância* dessas expressões reflete a experiência própria do cristianismo primitivo (evidente principalmente nas igrejas paulinas e na espiritualidade de João). Essas dimensões merecem ampla consideração, mas não são o foco deste livro. O escopo mais limitado desta obra destina-se simplesmente a ilustrar que ambas as grandes categorias da atividade do Espírito identificadas nas fontes judaicas antigas

(e desenvolvidas a partir das primeiras versões das Escrituras) persistiram no pensamento e na experiência cristã primitiva.

Conclusão

Deixando de lado debates sobre classificação de informação e expectativas de compreensão exaustiva, acredito que as amostras de estudos no livro permanecem úteis para aqueles interessados nos estudos do Espírito nos Evangelhos e em Atos. Nos capítulos seguintes, defendo que os escritores dos Evangelhos com frequência retratam Jesus como o modelo para a vida cheia do Espírito, algumas vezes em referência ao poder miraculoso, mas também refletindo uma experiência de conflito com forças espirituais e políticas hostis. Em outras passagens, o Espírito purifica, transformando aquele que crê em Jesus de formas deliberadamente moldadas e contrastantes com algumas práticas tradicionais respeitadas e aceitas pela audiência da época. O Espírito aparece em uma variedade de formas em nossa literatura cristã primitiva, mas a importância e a centralidade do Espírito que permeia a experiência desses primeiros convertidos estão acima de qualquer questão, uma experiência que os cristãos primitivos criam, fluía da experiência de seu Senhor.

O ESPÍRITO DE PUREZA E DE PROFECIA NO JUDAÍSMO ANTIGO

Outros estudos já trataram da função do Espírito de Deus no AT¹ e no judaísmo antigo,² e não é nosso propósito simplesmente duplicá-los aqui. Embora a Septuaginta e em menor grau as Escrituras hebraicas fossem amplamente usadas no cristianismo primitivo e, portanto, talvez tenham exercido a influência mais direta sobre o desenvolvimento da pneumatologia e das experiências pneumáticas dos primeiros cristãos, elas não serão o foco da presente investigação. Esses recursos para o estudo do cristianismo primitivo estão amplamente disponíveis, e a maioria das obras a respeito da pneumatologia cristã primitiva já os leva em consideração. Nosso interesse principal é em como outros aspectos da doutrina judaica

¹Como D. Lys, *RUACH* (Paris: Universitaires de France, 1962), que acompanha o uso de רוח em vários gêneros e (mais controversamente) períodos; veja tb. Fee, *God's empowering presence* (Peabody: Hendrickson, 1994), p. 905-10; R. Stronstad, *The Charismatic theology of St. Luke* (Peabody: Hendrickson, 1984), p. 14-27.

²E.g., M. E. Isaacs, *The concept of Spirit* (London: Heythrop College, 1976), com uma excelente pesquisa do uso de πνεῦμα em textos judaicos helenísticos e sua aplicação ao NT; e, menos recentemente, D. F. Büchsel, *Der Geist Gottes im Neuen Testament* (Gütersloh: Bertelsmann, 1926), com uma ampla pesquisa de diversos contextos da terminologia do Espírito.

antiga e a experiência do Espírito divino contribuíram para a expectativa e a articulação cristãs de sua doutrina e experiência.

As principais divisões da terminologia do judaísmo antigo sobre o Espírito divino em pauta neste capítulo serão o Espírito de purificação (a função ética do Espírito) e o Espírito de profecia e de sabedoria ou instrução (estas últimas categorias se sobrepõem consideravelmente).³ A maior parte do material ainda existente a ser examinado é mais relevante para o Espírito de profecia do que para o de purificação, especialmente porque os rabinos posteriores se concentraram na dimensão profética do Espírito, a ponto de praticamente excluírem a dimensão purificadora, e a literatura rabínica, por mais recente que seja, fornece a fonte de maior volume para a discussão. A ênfase mais expressiva sobre a profecia neste capítulo reflete os contornos das fontes que chegaram até nós.

O Espírito na literatura não judaica

Não há como negar que modelos gregos realmente afetaram a prática judaica; no primeiro século d.C., o judaísmo palestino estava profundamente influenciado e permeado pelo helenismo. Esse fato se aplica às formas de experiência pneumática, mas não é válido para a terminologia do Espírito propriamente dita, que o judaísmo antigo tomou emprestada da tradição israelita anterior. Expressões greco-romanas⁴ relacionadas a um Espírito divino são bem diferentes da maior parte dos usos comuns judaicos. O uso grego de πνεῦμα em geral foi resumido por Chevallier da seguinte maneira:⁵

³A profecia é definida como pronunciamento inspirado ou oracular quando também era categorizada sob as raízes προφητ- e μαντ- ou נָבִי.

⁴O paralelo persa que alguns autores propõem (e.g., J. Finegan, *The archeology of world religions* [Princeton: Princeton University Press, 1952], p. 90, 93; H. Ringgren, *Word and wisdom: studies in the hypostatization of divine qualities and functions in the ancient Near East* [Lund: Håkan Ohlssons, 1947], p. 170) é mais verbal que conceitual (“Espírito Santo” era o espírito bom em contraste com o espírito maligno no zoroastrismo; veja A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* [Chicago: University of Chicago, 1959], p. 94, 96, 104; não ele, mas o Pensamento Bom revelava visões aos profetas; ibidem, p. 96). Ademais, as fontes persas são difíceis de datar e, a essa altura, culturalmente distantes; veja e.g., E. F. Scott, *The Spirit in the New Testament* (London: Hodder & Stoughton, s.d., prefácio [1923]), p. 46, para observações relevantes a esse respeito.

⁵Conforme M.-A. Chevallier, *Souffle de Dieu: le Saint-Esprit dans le Nouveau Testament* (Paris: Beauchesne, 1978), p. 37-9; para uma comparação com o uso nos Manuscritos do Mar Morto, veja nota 33 adiante.